



## AUTORES

Jean Michel  
Pimentel Rocha jeanpimentel@gmail.com

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor EBT do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)

Beatriz Curti-Contessoto

 bfcurti@gmail.com

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutoranda e bolsista FAPESP na Universidade de São Paulo (USP)

## COMO CITAR

ROCHA, Jean Michel Pimentel;  
& CURTI-CONTESSOTO, Beatriz.  
Coronavírus é como: relações  
de sentido a partir de metáforas  
por símile. *Calidoscópio*, 19(1):  
131-142. [https://doi.org/10.4013/  
cld.2021.191.10](https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.10)

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 18/09/2020

Aprovação: 07/02/2021

## DISTRIBUÍDO SOB



# Coronavírus é como: relações de sentido a partir de metáforas por símile

*Coronavirus is like: sense relations  
from metaphors by simile*

## RESUMO / ABSTRACT

Neste artigo, debruçamo-nos sobre *metáforas por símile* a fim de analisá-las no contexto da pandemia de covid-19, considerando as relações de sentido em jogo, as quais abarcam domínios conceituais, aspectos socioculturais, bem como funções pragmáticas e discursivas que emergem das situações examinadas.

Para tanto, assumimos um quadro teórico que concebe a metáfora como um fenômeno multifacetado, permeando distintos níveis linguísticos. Ademais, adotamos um método baseado na

*web* como *corpus* para identificação das metáforas, por meio dos gatilhos *coronavírus é como*, *covid-19 é como*, *coronavírus é que nem* e *covid-19 é que nem*. À luz de nossos achados,

**Palavras-chave:**Coronavírus;  
Metáfora por símile;  
Relações de sentido

de modo geral, podemos afirmar que, mesmo que os enunciadores lancem mão de domínios metafóricos similares, eles o fazem a

partir de distintas posições e intenções discursivo-argumentativas, o que pode resultar, por exemplo, em avaliações positivas ou negativas acerca dos efeitos da pandemia.

In this paper, we analyze metaphors by simile in the context of the covid-19 pandemic, taking into account sense relations that encompass conceptual domains, socio-cultural aspects, as well as pragmatic and discourse functions raised in the circumstances examined. For this purpose, we assume a theoretical framework that

conceives metaphor as a multi-faceted phenomenon that permeates distinct linguistic levels. In addition, we adopt a method that resorts to the web as a

corpus to identify the metaphors, by applying triggers such as *coronavírus é como*, *covid-19 é como*, *coronavírus é que nem* e *covid-19 é que nem*. In the light of our findings, in general, we

**Keywords:**Coronavirus;  
Metaphors by simile;  
Sense relations

can assert that, although speakers use similar metaphorical domains, they do so based on different discourse-argumentative

positions and intentions, which can result, for instance, in positive or negative attitudes towards the effects of the pandemic.

## 1. Introdução

A pandemia resultante da disseminação da covid-19 alarmou a população mundial no início de 2020 e trouxe mudanças no comportamento da vida em sociedade em várias ordens. O setor econômico logo foi impactado, em razão da adoção de medidas preventivas para conter o avanço da doença em diferentes regiões do globo. Parte das fronteiras internacionais foram bloqueadas, voos foram reduzidos, comércios fecharam as suas portas, entre tantas outras questões. Como consequência, o compartilhamento de bens e serviços, bem como o deslocamento de pessoas foi fortemente comprometido. A comunicação no mundo globalizado ficou, em larga medida, dependente das tecnologias virtuais.

Entretanto, não apenas o âmbito político-econômico, de forma específica, foi afetado. Mudanças nos usos da língua, igualmente, foram observadas. Quanto ao léxico, por exemplo, a pandemia não só motivou a criação de neologismos, mas resgatou e difundiu palavras já existentes no acervo lexical de determinada comunidade (cf. Lawson, 2020; Ro, 2020). Ela suscitou, ainda, a criação de metáforas conceituais e linguísticas. De início, as metáforas de guerra chamaram a atenção. Nos noticiários, por exemplo, o vírus foi concebido como um inimigo a ser combatido.

O uso, digamos, excessivo de metáforas bélicas em referência à pandemia, levou linguistas, a exemplo de Inês Olsa e Veronika Koller, a observarem seus efeitos (muitas vezes negativos) na população, o que poderia gerar ansiedade e outros tipos de problemas, deixando o quadro ainda mais desfavorável (Lawson, 2020; Ro, 2020). Na busca de soluções alternativas às metáforas de natureza militar, as pesquisadoras lançaram no *Twitter* o projeto *#ReframeCovid*<sup>[1]</sup>, a fim de coletar metáforas que pudessem indicar outras formas de lidar com a situação (Ibarretxe-Antuñano et al., 2020; Lawson, 2020; Ro, 2020). Em um cenário em que cientistas, médicos, chefes de estado e cidadãos comuns tentam entender o vírus, a metáfora, conforme afirma Semino (2020), mostra-se como um recurso essencial e transformador de experiências, tornando a comunicação mais acessível e familiar.

Ao modo dos pesquisadores mencionados, o surgimento de metáforas em meio à pandemia também nos levou a refletir sobre as que têm se revelado no cotidiano brasileiro. No presente artigo, debruçamo-nos especificamente sobre um tipo de metáfora, a *metáfora por símile* (Steen et al., 2010). Abordamo-la como um fenômeno multifacetado (Cameron, 2010a, 2010b), que abarca diferentes níveis linguísticos, na tentativa de explicar as relações de sentido em jogo, as quais envolvem os domínios conceituais, os contextos socioculturais e as funções pragmáticas e discursivas suscitadas quando elas aludem à pandemia.

## 2. Metáfora: um fenômeno multifacetado

Frente à heterogeneidade da metáfora, neste trabalho, recorreremos à convergência de distintos quadros teóricos. De um lado, apoiamo-nos na teoria da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 2003 [1980]; Lakoff, 1987; Kövecses, 2005, 2010), com ênfase no aspecto linguístico-cognitivo, no papel da corporificação e da cultura na conceitualização metafórica. De outro, mobilizamos concepções teóricas que se preocupam fundamentalmente com o papel da metáfora em uso/no discurso. Buscamos, assim, respaldo na perspectiva cognitivo-discursiva (Steen, 2007, 2010; Steen et al., 2010; Vereza, 2013, 2016); na análise crítica da metáfora (Charteris-Black, 2004, 2005); bem como na proposta de Cameron (2010a, 2010b), que realça a dinâmica da metáfora e de suas várias faces nas interações sociais.

Com base na teoria da metáfora conceitual, compreendemos que a metáfora, como fenômeno do pensamento, tem função essencial na maneira em que conceitualizamos a realidade. Cognitivamente, quando a empregamos, expressamos um fato em termos de outro (Lakoff e Johnson, 2003 [1980]), a partir das chamadas correspondências ou mapeamentos conceituais entre domínios: o domínio-fonte (DF) e o domínio-alvo (DA). O DA, em geral caracterizado por ser mais abstrato, é entendido nos termos do DF, mais concreto (Kövecses, 2010).

Segundo explica Kövecses (2010), os domínios metafóricos podem ser identificados pela evidência ou metáfora linguística. Quando se ouve, por exemplo, que um exército de profissionais da saúde foi convocado para trabalhar na linha de frente contra o coronavírus, tem-se um léxico bélico (*exército, linha de frente, convocação*) empregado em uma situação que não envolve, concretamente, uma luta armada, mas um conflito de outra ordem, no sentido de controlar/restringir a disseminação de um vírus. Observa-se aí uma metáfora linguística, que tem como metáfora conceitual subjacente *COMBATER O CORONAVÍRUS É LUTAR EM UMA GUERRA*. Nesse caso, guerra é o DF, de onde se mapeiam elementos, o léxico bélico, projetado em um DA, o combate ao coronavírus, em um nível mais abstratizado.

Aliadas ao fator linguístico-cognitivo, outras características intrínsecas à metáfora conceitual relacionam-se às experiências corpóreas e socioculturais dos indivíduos (Kövecses, 2005). Nesse contexto, a *corporificação*, isto é, o modo como o corpo se constitui e age, influencia e é influenciado no ambiente físico, natural, biológico e sociocultural em que se situa, tem efeitos na conceitualização metafórica (Lakoff, 1987; Kövecses, 2010). A título de ilustração, uma metáfora conceitual como *RAIVA É CALOR* tem suas bases experienciais nas reações corporais, quando se está nervoso, irritado ou enfurecido. Tais reações manifestam-se na temperatura do

[1] *#ReframeCovid*. Disponível em: <https://sites.google.com/view/reframecovid/home?authuser=0>. Acesso em: 30/07/2020.

corpo (quente), no aumento dos batimentos cardíacos e até mesmo no rubor da pele. É como se o corpo fosse um contêiner prestes a explodir (Kövecses, 2010).

Além da corporificação, como esclarece Kövecses (2005), a cultura tem função preponderante em como a metáfora organiza experiências. Assim, mesmo diante de uma possível universalidade da metáfora, quando se consideram experiências mais básicas compartilhadas por uma sociedade, a cultura pode levar a variações em diferentes esferas, dentre as quais o autor destaca a social, a regional e a estilística. A primeira inclui os usos metafóricos de acordo com classes sociais, diferenças etárias e de gênero. A segunda abarca diferenças em variedades linguísticas, em decorrência, por exemplo, da localização geográfica. E a terceira se vincula à variação situacional, dependente do contexto comunicativo, da temática enfatizada, do público-alvo, entre outros.

No presente artigo, reconhecemos a abordagem cognitivista porque somos favoráveis à concepção de que os mapeamentos metafóricos podem se dar no pensamento e na língua, por exemplo. Alicerçando-nos no conceito de corporificação e nas experiências culturais que organizam o mundo, tentamos explicar as metáforas por símile identificadas, principalmente no que concerne aos DF que auxiliam a categorizá-las.

Em se tratando da metáfora por símile, vale reforçar que, por meio dela, é possível estabelecer correspondências conceituais entre domínios. Como argumentam Steen (2007) e Steen et al. (2010), a símile se distingue das metáforas conceituais propriamente ditas porque as metáforas conceituais são indiretas, isto é, os mapeamentos são, em geral, *off-line*, nem sempre são conscientemente percebidos pelo falante, visto que elas já se encontram convencionalizadas em seu sistema léxico-gramatical. A símile, por sua vez, é uma metáfora direta, que exige do falante a percepção de que há um mapeamento metafórico em jogo. O interlocutor, então, conscientemente ativa um mapeamento conceitual *on-line* no momento em que interpreta um enunciado, disparado por um elemento linguístico, a exemplo de *como/que nem*, que funciona como gatilho ou sinal metafórico (*metaphor flag*). Tal elemento indica uma comparação explícita e direciona o leitor ao estabelecimento de um mapeamento entre domínios (Steen et al., 2010; Steen, 2010).

O caráter deliberado da símile é fundamental para apreendê-la como uma metáfora que é mais situada, dependente de um contexto sociocomunicativo particular, o que se deve “[...] ao indivíduo, à natureza única do evento discursivo, o que envolve usuários específicos da língua, com seus próprios assuntos, objetivos, meios e contextos de comunicação<sup>[2]</sup>” (Steen, 2007, p. 5). Essa visão é observada em Vereza (2013, 2016), que concebe as metáforas situadas como sendo “deliberadas, criativas, episódicas e *online* [...]” (Vereza, 2013, p. 11), traços que, para a autora, também tipificam um

fenômeno linguístico-discursivo como a símile.

Quando se vale de uma símile, pode-se afirmar, retomando Charteris-Black (2004, p. 12), que “[...] o falante convida o ouvinte para um ato interpretativo [...]”<sup>[3]</sup>. Trata-se, de acordo com o autor, da dimensão pragmática da metáfora, que tem por objetivo desvelar as intenções retóricas do falante. O convite pode ser entendido também como um ato discursivo-persuasivo, que age na formação de opiniões e dá abertura para o entendimento de como crenças, atitudes e sentimentos desenrolam-se em uma comunidade discursiva (Charteris-Black, 2004).

O aspecto pragmático-discursivo, com efeitos persuasivos, tem relação com a face afetiva da metáfora a que Cameron (2010b) faz referência, visto que nela percebe-se a visão de mundo, as emoções e os valores de um falante. Ele ainda pode ser refletido na dinamicidade da metáfora, a qual reside no fato de os participantes de um evento discursivo, no fluxo da interação, evocá-las, readaptá-las ou lançar mão de novas criações em defesa de um posicionamento (Cameron, 2010b).

A metáfora tem, portanto, grande poder de influência no discurso. Discurso não restrito ao uso individual, mas enquanto atividade social, que se desenvolve em uma relação dialógica, na interação com outro em momentos enunciativos/comunicativos diversos (Cameron, 2010b). Isso é evidente, como sugerido em Charteris-Black (2004, 2005), quando se tenta por meio dela persuadir o outro a aderir à certa crença ou visão de mundo. A força persuasiva da metáfora permeia o cotidiano, mas pode ser mais perceptível em discursos políticos, religiosos, midiáticos, financeiros, dentre outros. Aqueles que representam tais discursos, cientes do poder da metáfora, buscam influenciar o outro em favor de seus próprios interesses, princípios ou convicções (cf. Charteris-Black, 2004, 2005).

À luz do exposto, reforçamos que nos debruçamos sobre a metáfora por símile, não para simplesmente identificar os mapeamentos cognitivos que as constituem. Extrapolamos o nível linguístico-cognitivo para explorar também o nível pragmático-discursivo, que abre caminhos para refletirmos sobre as funções da metáfora no discurso.

### 3. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos por nós seguidos envolvem a identificação de candidatas a metáforas por símile, por meio da *web* como *corpus*, e a suas respectivas análises.

Quanto ao emprego da *web* como *corpus*, decidimos por adotá-la para identificarmos, sincronicamente, usos recorrentes relacionados à pandemia de coronavírus. Assim sendo, a *web*, concebida como um grande repositório textual,

[2] [...] due to the individual, unique nature of any usage event, which involves particular language users with their own topics, goals, means and contexts of communication. Todas as traduções são de nossa responsabilidade.

[3] [...] the speaker invites the hearer to participate in an interpretative act [...].

constantemente alimentado, favoreceu a extração das metáforas por símile. Particularmente, duas ferramentas foram empregadas: a *WebCorp Live*<sup>[4]</sup> e o mecanismo de pesquisa avançada do *Google*. Conjugando ambas, pudemos ter uma quantidade maior de dados para análise.

A primeira delas permite buscas de palavras ou expressões em tempo real. Por intermédio desse recurso, à maneira de Steen et al. (2010), utilizamos sinais metafóricos. Assim, pesquisamos pelas fórmulas *coronavírus é como*, *covid-19 é como*, *coronavírus é que nem* e *covid-19 é que nem*. Os resultados da pesquisa são apresentados em linhas de concordância, como ilustrado na **Figura 1**.

Via *WebCorp Live*, ajustando os mecanismos de pesquisa para o português brasileiro, motor de busca *Bing*, obtivemos, somando-se os resultados, cerca de 100 páginas da *web*, resultando em 70 linhas de concordância. Excluindo ocorrências não relacionadas ao coronavírus, 13 símiles foram selecionadas. Empregando a pesquisa avançada do *Google*, procurando por expressão ou frase exata

**“Em grande parte dos discursos examinados, a tese defendida é a de que, dadas as circunstâncias caóticas e emergenciais em que nos encontramos, o coronavírus deve ser visto como um inimigo que tem nos prejudicado e que devemos enfrentar”**

(*coronavírus é como*, *covid-19 é como*, *coronavírus é que nem* e *covid-19 é que nem*), no idioma português e na região Brasil, e eliminando casos não relacionados, identificamos 28 símiles. Ao todo, contabilizamos 41 símiles. Dessas, selecionamos 29 que, a nossa ver, são mais fecundas para a discussão do ponto de vista de sua diversidade, as quais analisamos conforme os DF identificados.

## 4. Análise e discussão dos dados

As análises desta seção têm o intuito de mostrar o funcionamento multifacetado das metáforas por símile evocadas em diferentes situações enunciativas com base no gatilho “é como.../é que nem”. Analisamos as relações de sentido nos contextos em que a metáfora foi empregada. Para tanto, levamos em conta a base experiencial envolvendo os domínios, os aspectos socioculturais, bem como o papel dos enunciadores em termos de intenção comunicativa, força persuasiva, valores e crenças, por exemplo.

### Coronavírus/Covid-19 é como...: guerra

As metáforas por símile desta subseção relacionam o enfrentamento da pandemia ao combate em uma guerra. Nesses casos, o DF é GUERRA e o DA, COMBATE A PANDEMIA/A COVID-19/AO CORONAVÍRUS. A esse respeito, Vereza (2020) e Ibarretxe-Antuñano et. al. (2020) apontaram diversas expressões que possibilitam a projeção entre os referidos domínios, conforme **Quadro 1**.

Frente a fatores linguístico-cognitivos na projeção entre domínios, tem-se a metáfora conceitual COMBATER A PANDEMIA/O VÍRUS/COVID-19 É LUTAR EM UMA GUERRA. Nos termos de Vereza (2013), podemos argumentar que essa é uma metáfora mais situada, correlacionada a uma metáfora mais geral, COMBATER UMA DOENÇA É LUTAR EM UMA GUERRA, em que o domínio-fonte de guerra é mobilizado em referência ao combate de doenças como HIV/Aids (Bellini e Frasson, 2006), câncer (Silva e Araújo, 2015), dengue (Gonçalves-Segundo, 2020), citando apenas alguns trabalhos.

Em grande parte dos discursos examinados, a tese defendida é a de que, dadas as circunstâncias caóticas e emergenciais em que nos encontramos, o coronavírus deve ser visto como um inimigo que tem nos prejudicado e que devemos enfrentar, tal como se faz em

1: digitais Notícia de Mundo COVID-19 Cura de **coronavírus é como** a de uma gripe em casos simples Por: Folt  
2: todos os resultados Inicial Dia a Dia Cura de **coronavírus é como** a de uma gripe em casos simples 21 de mar  
3: 5 Copy 2 Group 6 Copy Iran Gonçalves Júnior: **Coronavírus é como** Alexandre, o Grande Ele ocupa o espaço de  
4: de chapéu Coronavírus Textos liberados Cura de **coronavírus é como** a de uma gripe em casos simples; entenda  
5: uma brasileira confinada em Wuhan, epicentro do **coronavírus: 'É como** uma prisão domiciliar' "Existe uma lem  
6: uma brasileira confinada em Wuhan, epicentro do **coronavírus: 'É como** uma prisão domiciliar' 28 janeiro 2020  
7: ASSINE ASSINE Capa NSC Total Saúde Saúde **Coronavírus: 'É como** se fosse guerra'', relata brasileira c  
8: Assine o JC Últimas Edições Nacional Cura de **coronavírus é como** a de uma gripe, em casos mais simples Nos  
9: 2020 às 14h30 Compartilhar Saiba mais Cura de **coronavírus é como** a de uma gripe em casos simples O mundo e  
10: Mais promoções SIGA-NOS Facebook Uai Saude **Coronavírus: 'É como** uma terceira guerra mundial na microbic

**Figura 1**

Linhas de concordância para o gatilho *coronavírus é como*

Fonte: Captura de tela do *WebCorp Live*

[4] *WebCorp live*. Disponível em: <http://www.webcorp.org.uk/live/index.jsp>. Acesso em: 05/07/2020.

DF: GUERRA	DA: COMBATE À PANDEMIA/ À COVID-19/AO CORONAVÍRUS
inimigo	vírus/covid-19/pandemia
armas	vacina, cura, tratamento, medidas sanitárias
enfermaria de guerra	hospitais (de campanha)
toque de recolher	isolamento/distanciamento social
alistamento	união de forças
soldados/combatentes	médicos/enfermeiros/agentes de saúde
linha de frente	profissionais no tratamento dos infectados
baixas	mortes
general	ministros/secretários de saúde
comandante das forças armadas	presidente/primeiro ministro/ditador
luta pela sobrevivência	resistir à doença/não ser contaminado
medo/insegurança	medo de contrair a doença
vitória	vencer/terminar/controlar a pandemia

### Quadro 1

Projeção entre domínios nas metáforas de guerra  
Fonte: Adaptado de Vereza (2020) e Ibarretxe-Antuñano et al. (2020)

uma situação de guerra. As ocorrências (01) e (02), a seguir, evocam a metáfora supracitada.

1. “E o que preocupa as autoridades sanitárias é a combinação da velocidade de disseminação, que pode estar relacionada ao número de partículas expelidas nas secreções, e o número potencial de doentes que podem complicar, expondo a fragilidade dos sistemas de saúde públicos e privados aqui e mundo afora, que não estão preparados para receber tantos doentes graves ao mesmo tempo. [o combate à pandemia/ ao coronavírus] **É como se estivéssemos vivendo uma terceira guerra mundial na microbiologia.**”

2. Médico italiano relata rotina com **Covid-19: ‘é como uma guerra. Salvamos quem podemos’.**

As símiles explicitadas (cf. trechos grifados) foram empregadas por profissionais da área da saúde, que trazem as suas visões acerca do enfrentamento da covid-19. A metáfora de guerra vem relacionada a questões sanitárias. A relação se dá, linguisticamente, pelas expressões “guerra mundial na microbiologia” e “salvamos quem podemos”. Do ponto de vista sociocultural e pragmático-discursivo, pode-se afirmar que os excertos em questão revelam os desafios encarados pelos sistemas de saúde, cuja capacidade estrutural vem sendo testada, dado o potencial destrutivo da doença, que leva mais gente aos hospitais, sobrecarregando-os.

Em (01), subentende-se que o inimigo ainda é desconhecido. O combate acontece dentro dos centros de pesquisa e hospitalares. Cientistas e médicos se lançam no campo de batalha em desvantagem, visto que não têm um arsenal

armamentício eficaz (um tratamento eficaz, por exemplo) para enfrentar o novo coronavírus. Em (02), há uma visão médica segundo a qual não é possível salvar a todos. O desconhecimento do inimigo soma-se, assim, à fragilidade da enfermaria de guerra, ou seja, às condições estruturais (a falta de leitos hospitalares, de ventiladores pulmonares), que, infelizmente, levam a muitas baixas, civis (a população em geral) e os próprios soldados na linha de frente (médicos e enfermeiros). Dadas essas condições, apesar de se esforçarem para salvar vidas, os médicos reconhecem que muitos padecerão, em especial aqueles que, em geral, encontram-se nos chamados grupos de risco, os quais podem não possuir uma resposta imunológica forte ao ataque do vírus.

De nossa perspectiva, esses dizeres estão relacionados ao lugar de fala dos enunciadores, que se posicionam diante da pandemia a partir de um contexto enunciativo específico, tendo em vista os papéis (profissionais da saúde) que cumprem na sociedade. Em outras metáforas por símiles no domínio da guerra, há dizeres cujos propósitos seguem outros posicionamentos discursivos. Vejamo-los nos exemplos (03) e (04):

3. O ministro da Economia, Paulo Guedes, avalia que **a pandemia de covid-19 é como “uma bomba biológica” que levou o país a uma situação aguda de emergência fiscal.**

4. Para Bill Gates, filantropo e segundo homem mais rico do mundo, com uma fortuna estimada em 103 bilhões de dólares, segundo a Bloomberg, **a pandemia do coronavírus é “como uma guerra, mas todos estamos do mesmo lado”.**

Em uma postagem em seu blog, Gates afirma que “todos podem trabalhar juntos para aprender sobre a doença e desenvolver ferramentas para combatê-la”.

O DF GUERRA permanece nesses excertos (*é como uma bomba biológica, é como uma guerra*), mas seus usos são distintos de (01) e (02), porque, em (03) e (04), os discursos são enviesados por interesses políticos e econômicos – e não médicos, tal como os anteriores.

Nesse sentido, em (03), compara-se o caráter perigoso de uma bomba (biológica) à característica altamente impactante e destrutiva da covid-19 na economia do Brasil. O país é como um organismo que, infectado por tal bomba, tem sua economia afetada de forma aguda, profunda. A guerra contra a pandemia, nesse caso, existe em prol de salvar a economia, e não as pessoas. Essa visão reflete o posicionamento discursivo do Ministro da Economia, Paulo Guedes, que peleja para que a economia brasileira deslanche e saia de um cenário de recessão. É interessante pensar que, ao citar bomba biológica, pode-se colocar em questionamento a própria origem do vírus, se se considera que uma arma biológica é criada artificialmente, podendo ter como fim um caos no sistema de saúde, que pode resultar em um caos no sistema econômico global.

Em (04), compara-se o coronavírus a uma guerra em que “todos estão do mesmo lado”. Assim, ao contrário de todos os confrontos bélicos que já ocorreram na história da humanidade, em que as pessoas se encontravam em lados opostos, na guerra de covid-19, a humanidade deveria se unir para combater a doença – um inimigo comum a todos. Essa leitura sustenta-se pela posição social ocupada por Bill Gates (trata-se de um filantropo bastante influente e de posses). Seu dizer enfatiza a união da humanidade em favor de um objetivo: a luta contra o coronavírus. Esse tipo de discurso tem sido bastante usado, principalmente, por governantes de diferentes nações, que têm o intuito de despertar, em seus cidadãos, a união de forças entre os profissionais que atuam diretamente no controle do vírus e as demais pessoas em sociedade que têm a responsabilidade de seguir as regras estabelecidas pelas autoridades a fim de evitar a disseminação da covid-19.

## Coronavírus/Covid-19 é como...: fenômeno da natureza

Outro DF identificado é o FENÔMENO DA NATUREZA. As símile identificadas podem ter como metáfora conceitual subjacente CORONAVÍRUS É UM FENÔMENO DA NATUREZA. Conforme os exemplos (05) e (06), diferentemente das metáforas de guerra, as quais preveem tanto a possibilidade de vitória quanto a de derrota, no caso dos fenômenos da natureza, a perda parece ser certa, mesmo que seja possível prever quando eles vão acontecer. Os discursos desse domínio, em geral, indicam que: a pandemia traz o desastre; devemos, portanto, saber como mitigar as perdas.

5. “Tratamos complicações dessa doença. O grande problema é a demanda – **é como se fosse uma catástrofe. Há um aumento da demanda e não estamos preparados para atender**, principalmente com a escassez de recursos, que é o que aconteceu fora do Brasil”, comenta a especialista.

6. No discurso Wang afirmou que **lutar contra a Covid-19 é como apagar fogo e que cada minuto conta quando a vida está em risco**. “A comunidade global nunca deve ser distraída de sua resposta colaborativa para apontar o dedo ou querer apontar culpados, menos ainda permitir novas tensões e divisões a serem criadas como resultado da politização ou estigmatização” [...].

Nesses excertos, as vozes que enunciam são de profissionais dos ramos médico e político. Tais discursos foram construídos em torno da ideia de que a pandemia de coronavírus, em larga escala, tem tido um efeito tão devastador quanto um fenômeno da natureza de forte impacto e incontrolável. Essa tese é recuperada em (05), a partir do sentido de “catástrofe”, entendido como desastre ambiental. Nele, a noção de desastre é deslocada para o setor da saúde, que pode colapsar pelo fato de não estar preparado para atender a alta demanda de infectados pela doença. A intenção argumentativa em (05) enfoca a dificuldade em cuidar de uma grande quantidade de pacientes e as perdas que inevitavelmente acontecerão por causa disso.

Em (06), ainda que haja manutenção do domínio pelo emprego da símile “é como apagar fogo”, que nos leva a visualizar a imagem mental de um incêndio que se alastra rapidamente e é de difícil controle, o propósito argumentativo desencadeado é outro. Em tal caso, quem fala é o Ministro das Relações Exteriores da China, defendendo a delicadeza da situação e a união política em defesa da vida. Em um paralelo com Semino (2020), ao interpretar metáforas de fogo frente à pandemia, no excerto em questão, a símile pode ter o objetivo de chamar a atenção para o perigo e a urgência da situação e de justificar as razões pelas quais medidas devem ser tomadas para controlá-la. Aqui, não está em questão a falta de estrutura do setor da saúde anteriormente apontada, mas um discurso que, similar ao de Bill Gates (cf. exemplo (04)), prega a unidade. Visa, mais especificamente, advertir os líderes globais para a discussão de estratégias conjuntas de prevenção ao contágio para que mais vidas sejam salvas. Vale ressaltar, contudo, que, em suas entrelinhas, há uma questão política. A resposta tardia da China no início da pandemia causou rebuliço na política internacional. Ao lançar mão da metáfora, o Ministro, orientando-se pelo caminho da união e abstendo o país chinês de culpa, tenta persuadir as demais lideranças globais de que o momento não é o de fazer acusações, mas de resolver o problema.

Outras metáforas por símile associadas ao DF FENÔMENOS DA NATUREZA são as seguintes:

7. O presidente da distrital de Minneapolis do Federal Reserve [...] Neel Kashkari, afirmou que a economia dos Estados Unidos está “quase certamente” em recessão, mas que a escala e a duração da crise vão depender da evolução da pandemia de coronavírus. **“A Covid-19 é como um furacão atingindo toda a atividade econômica dos EUA de uma vez” [...].**

8. A Comissão Europeia adotou esta quarta-feira as recomendações específicas por país, avisando os Estados-membros de que **o coronavírus é como um asteroide que deixou uma “cratera” na economia.**

9. Com explicação técnica, Merkel diz que **situação do coronavírus é como ‘gelo fino’.**

10. Bolsonaro sobre a Covid-19. [...] **“Este vírus é como uma chuva. Vai molhar 70% de vós.** Isso ninguém contesta [...]. Desses 70%, uma pequena parte, os idosos, é que terá problemas de saúde”, completou.

11. Sugiro, no entanto, que a negação do coronavírus do Partido Republicano também tenha raízes que vão além de Trump e de suas perspectivas eleitorais. O ponto-chave, eu diria, é que **o Covid-19 é como a mudança climática: não é o tipo de ameaça que o partido quer reconhecer.**

Nos exemplos (07) e (08), a metáfora foi empregada para destacar os impactos da pandemia na atividade econômica das nações. Em (07), a covid-19 é comparada a um “furacão atingindo toda a atividade econômica dos EUA”, trazendo a ideia de que a pandemia tem surtido, na economia americana, um efeito semelhante ao de um furacão que causa devastação por onde passa. A ideia é replicada em (08), por meio da imagem metafórica da cratera: essa doença deixou um buraco na economia tão grande quanto ao causado por um enorme asteroide ao atingir o solo. Em ambos os casos, são agentes políticos que enunciam. Logo, notamos que esses discursos são transpassados por intenções políticas que se preocupam mais com a economia e visam tentar encontrar soluções para protegê-la do novo coronavírus.

Nos excertos (09), (10) e (11), mesmo que tenham preservado o domínio, fizeram-no de um modo diferente dos demais. Em (09), tem-se a símile “é como gelo fino”. Esse fenômeno indica uma espécie de camada congelada que normalmente aparece em rios e estradas. Esse gelo deixa o chão escorregadio, exigindo de quem o pisa bastante cautela e atenção, pois é uma superfície frágil, que facilmente pode se fragmentar. Ao compará-lo à pandemia, a chanceler Merkel, enquanto governante, tem a provável intenção de mostrar que a pandemia exige cuidado e preocupação do ponto de vista político e da saúde pública, uma vez que não se sabe onde se está pisando, ou seja, não se sabe o que acontecerá e nem como se deve lidar exatamente com ela. Daí a necessidade de enfrentá-la com segurança, evitando que o “gelo se quebre” e um consequente

descontrole da situação. Na medida em que ressalta um aspecto negativo da doença, há uma relação semântica com os outros excertos analisados, mas o poder destrutivo evidenciado por eles aparece mais tênue no discurso da chanceler, o que pode sinalizar para uma estratégia discursiva que procura não gerar pânico ou desespero na população alemã, mas alertá-la da delicadeza do momento e buscar meios para encarar o obstáculo.

Em (10), a intenção é a de minimizar os efeitos ruins da pandemia, ao compará-la à chuva (fenômeno esperado, geralmente tranquilo) que inevitavelmente atingirá a todos – o que, nesse contexto, poderia ser visto como algo positivo, pois esse fato indicaria que ela seria passageira, assim como o é esse fenômeno natural. O enunciador tem, evidentemente, o objetivo de não tratar a pandemia como algo negativo, indo em direção contrária aos demais exemplos. Esse fato provavelmente se dá em virtude de seu posicionamento político: Bolsonaro, enquanto presidente do Brasil, tem se mostrado negativista quanto à doença. Por um lado, pode-se pensar que essa atitude teria a finalidade de não causar desespero na população brasileira – à exceção, talvez, de uma pequena parte da população idosa. Então, a metáfora da chuva subestima os impactos do vírus, não evocando (ou amenizando) seu caráter negativo. Por outro, o negacionismo do vírus pode ter relação com o fato de Bolsonaro, assim como Paulo Guedes (cf. exemplo (03)), saber dos possíveis prejuízos (como a paralisação de vários setores de produção) que ele pode trazer para o crescimento econômico do país – uma de suas bandeiras de campanha –, colocando em apuros a popularidade de seu governo e até mesmo uma tentativa de reeleição.

Por fim, em (11), também em um contexto político, o coronavírus é comparado à mudança climática. Esse fenômeno, em tese, não é tão devastador quanto um tsunami ou um terremoto, cujo impacto é imediato. No entanto, é um tipo de assunto delicado do ponto de vista político-econômico nesse país, já que o governo Trump não reconhece a mudança climática como um problema (e, muito menos, o que a causa), uma vez que isso afetaria diretamente a economia e o modo de vida americano. Essa comparação eleva a pandemia ao mesmo *status* da mudança climática nas discussões governamentais, no sentido de que talvez seja melhor não a reconhecer como ameaça para que não afete a economia desse país. Tanto em (10) quanto em (11), quando o assunto é política econômica, entrevê-se, seja em relação ao coronavírus ou à mudança climática, respostas negacionistas por parte de governantes. O olhar para a população em si parece ser uma questão secundária.

## Coronavírus/Covid-19 é como...: fenômeno da física

Além das metáforas de guerra e de fenômenos da natureza, encontramos exemplos de metáforas por símile cujo DF é FENÔMENOS DA FÍSICA.

12. Sinceridade, acho que meio mundo já pegou esse COVID, a diferença é que os testes são aplicados nos membros da saúde, forças de segurança e, principalmente, nos políticos que são regularmente testados (a vida deles é mais importante que a vida da população em geral). Pode ver que a proporção média de infecção de políticos é bem maior que na população simplesmente porque os testes são aplicados rotineiramente nos políticos. [...]. O que eu concluo é que o tal **COVID-19 é como uma nuvem radioativa e que a maioria da população pega, passa para frente e simplesmente não fica sabendo** pois os testes não são aplicados a menos que o cidadão esteja tossindo feito um tuberculoso.

**13. O Covid-19 é como uma bomba de nêutrons: não ataca bens materiais. Aniquila vidas.** É a hora da Ciência. O resto, sendo honestos, somente podem proporcionar-lhe os meios possíveis para que cumpram sua missão. Ninguém sem fundamentos científicos merece credibilidade.

Os excertos (12) e (13) evidenciam aspectos negativos com relação ao vírus. Nesse sentido, o primeiro, ao comparar a doença a uma “nuvem radioativa”, destaca seu caráter invisível (não conseguimos vê-lo, assim como não é possível enxergar a radiação a olho nu), bem como o seu poder de disseminação, mostrando que ele é tão contagiante quanto uma nuvem radioativa. Quem emprega essa metáfora defende que a população comum é contaminada e acaba não tendo conhecimento disso, uma vez que o vírus não é visível e que não há testes suficientes e acessíveis a todos. A facilidade em ser testado existe para aqueles que ocupam uma posição de prestígio na sociedade brasileira, os políticos, por exemplo. Há, assim, uma crítica que reforça que a pandemia deixa evidente as diferenças de classe e os problemas sociais que assolam o Brasil.

O exemplo (13) também se vale de uma metáfora relacionada a fenômenos da física. Ao se referir à covid-19 como sendo uma “bomba de nêutrons”, acentua sua natureza destrutiva no corpo humano (e não na economia ou na área médica). Seu enfoque não está apenas em evidenciar o quanto essa doença é prejudicial ao organismo, mas também em demonstrar a importância da pesquisa científica em meio a tantos posicionamentos anticientíficos.

Em nosso *corpus*, mapeamos outras ocorrências relacionadas a fenômenos da física, mas que parecem indicar, para quem enuncia, um lado positivo do cenário pandêmico.

**14. A Covid-19 é como um acelerador de partículas, consolidando tendências que já estavam se desenvolvendo.** A China já havia demonstrado para todo o planeta que o desenvolvimento econômico sob um sistema de controle não tem nada a ver com a democracia liberal ocidental.

15. Devido à pandemia, prática de telemedicina foi regulamentada, o que contribuiu para a aceleração de

uma adoção — ainda maior — de tecnologia pelo setor. “Estamos fazendo há três anos em transformação digital e falando há muito tempo sobre incorporação tecnológica e digitalização da saúde”, ressaltou Marinelli. “Agora com **a covid-19 é como o buraco de minhoca, do filme Interestelar**”, completou.

Em (14), verifica-se que a doença possibilitou que tendências nas relações econômicas, que já estavam em fase de desenvolvimento, fossem consolidadas mais rapidamente. O enunciador compara a doença a um acelerador de partículas, que tem como função acelerar a matéria, elementos como prótons e elétrons, de modo que se choquem e originem partículas até então desconhecidas pela ciência, o que ajudaria no entendimento da formação do universo, por exemplo. Na símile em questão, a covid-19 é como uma máquina que pressiona o sistema econômico mundial capitalista e pode levá-lo à derrocada. Desse modo, ao mesmo tempo em que força a quebra de um sistema, o vírus agiliza ou impõe (novas) formas para se pensar um (novo) modelo de organização econômica.

Similarmente, o discurso (15) sustenta, por meio da símile “a covid-19 é como o buraco de minhoca”, a ideia de que a pandemia tornou possível a transformação digital na área da medicina. Nesse caso, quem enuncia é um médico e presidente de uma grande empresa da área da saúde no Brasil. Assim, defende que, como um buraco de minhoca (uma espécie de “atalho” através do espaço e do tempo), a covid-19 serviu como uma via mais rápida que permitiu que a prática da telemedicina fosse implementada.

## Coronavírus/Covid-19 é como...: esporte

Outro DF identificado no *corpus* é o de ESPORTE. As símiles a ele vinculadas têm como metáfora conceitual CORONAVÍRUS/COVID-19 É COMO ESPORTE. Contudo, diferentemente dos exemplos anteriores (14 e 15), de (16) a (18) o lado negativo da doença é realçado.

**16. “A covid-19 é como um chute do Matheus Salles, vem de longe, pega em cheio e faz estrago. Proteja-se”.**

17. Vanderlei, goleiro do Grêmio, afirmou que a luta contra **a covid-19 é como uma “partida difícil e só se vencem partidas difíceis com dedicação, inteligência e espírito de equipe”.**

18. De acordo com o otorrinolaringologista Roberto Campos Meirelles, os problemas relacionados ao coronavírus podem ser bem mais preocupantes para estes pacientes. “Se a gente pensar, **a contaminação pelo covid-19 é como uma corrida de 800 metros, enquanto nas pessoas em geral o vírus começa do zero, no paciente traqueostomizado já sai dos 400 metros.** [...]”.

Nos três excertos, observa-se que as metáforas foram empregadas para destacar as consequências negativas do vírus, ainda que o tenham feito a partir de imagens diferentes dentro do campo do esporte. Dessa maneira, em (16), comparada a um chute, há a intenção de acentuar o caráter forte, poderoso e arrebatador da doença. Vamos um deslocamento de um sentido positivo no âmbito do futebol (chute forte, certo, feito à distância e que leva ao gol), para outro, de conotação negativa, ao associá-lo à doença.

Em (17), compara-se o enfrentamento da doença a uma “partida difícil”. Nessa metáfora, sublinha-se a adversidade de driblar o “time coronavírus”. A intenção discursivo-argumentativa é a de dizer que todos devem trabalhar em equipe para enfrentá-lo, tal como os jogadores o fazem quando estão em campo. É, assim, um posicionamento semelhante ao observado no exemplo (04), em que uma metáfora de guerra é utilizada para argumentar ponto de vista similar.

Por fim, o exemplo (18) traz uma metáfora vinculada à modalidade esportiva corrida. Dessa vez, o dizer é o de um profissional da área da saúde que, para deixar mais clara sua explicação sobre o que acontece se um paciente traqueostomizado for contaminado pelo coronavírus, faz uma comparação com a distância a ser percorrida em uma corrida. O efeito negativo da doença é maior nos pacientes com traqueostomia, pois eles não têm o filtro de uma respiração normal, o que os deixa em uma posição de desvantagem. Por isso, a contaminação nesses pacientes já começa nos “400 metros”, ou seja, mais avançada do que aconteceria em uma pessoa não traqueostomizada.

## Coronavírus/Covid-19 é como...: relacionamento

Também encontramos metáforas por símble vinculadas ao DF RELACIONAMENTO, tais como casamento ou a alguma espécie de laço sexual entre pessoas, conforme exemplos (19) e (20).

19. Aliás, **coronavírus é que nem casamento: não te deixa fazer nada, só ficar em casa.**

20. **“Coronavírus é que nem ‘piriguete’: pega qualquer um, mas prefere os véio”.**

**As relações de sentido, de modo geral, são negativas nos discursos observados, visto que o vírus é comparado a um combate bélico, a uma “catástrofe”, a um “chute” que “pega em cheio e faz estrago” e a uma “partida difícil”, por exemplo”**

Essas metáforas deslocam os efeitos das relações humanas para os efeitos da covid-19 nas pessoas. Em (19), o coronavírus é como um casamento. Admite-se a visão de que, assim como esse tipo de união restringe a vida social de uma pessoa, o vírus, ao contaminar alguém, impossibilita-o(a) de sair de casa.

O exemplo (20) segue uma linha de raciocínio similar ao anterior. Nele, a símble utilizada compara o coronavírus a uma piriguete. A expressão “piriguete” não significa um tipo de união como “casamento”, mas, pejorativamente, refere-se à conduta (imoral) da mulher que “pega”, ou seja, relaciona-se com todo e qualquer homem, sobretudo com os mais velhos que, normalmente, têm uma condição financeira mais estável e atrativa. O vírus, então, também tem essa capacidade de “pegar”, isto é, contaminar qualquer um e tem seus efeitos mais visíveis nos mais idosos. Há, portanto, um jogo com os significados da palavra “pegar” em português brasileiro, que é polissêmica (pegar = contaminar; namorar).

Nesses exemplos, entrevê-se que um tom de ironia e brincadeira subjaz às intenções discursivo-argumentativas dos enunciadores. Ainda que ressaltem aspectos negativos do vírus, parecem fazê-lo de um modo leve e descontraído, diferentemente do que ocorre, por exemplo, nas metáforas de GUERRA apresentadas anteriormente.

## Coronavírus/Covid-19 é como...: outros domínios

Além dos DF referentes a GUERRA, FENÔMENOS DA NATUREZA, FENÔMENOS DA FÍSICA, ESPORTE E RELACIONAMENTO, agrupamos, nesta seção, alguns outros identificados no *corpus*. No excerto (21), a metáfora se constrói pelas expressões “videira” e “cacto” no DF PLANTA.

21. Pense da seguinte maneira: se a gripe evolui com a velocidade de uma videira em crescimento, **o coronavírus é como um cacto. Se você olhar bem de perto, um cacto pode parecer mudar de dia para dia, mas não é nada como uma videira.**

Observa-se, nesse discurso, que, como o crescimento (imperceptível) de um cacto, o processo de mutabilidade do coronavírus é mais lento em comparação ao vírus da gripe, que se altera de forma rápida como acontece com a videira. A mutação lenta do coronavírus pode suscitar uma visão mais otimista sobre como enfrentá-lo, pois possibilitaria mais tempo para estudá-lo e para criar meios eficientes para combatê-lo.

O DF em destaque em (22) e (23) é o ANIMAL:

22. “A SARS é muito transmissível, mas dá sinais. É como uma cobra muito venenosa, mas com o chocalho na ponta do rabo. Você ouve ela chegando”, diz. **“Já a Covid-19 é como uma cobra silenciosa: você não percebe ela chegando. E quando percebe, pode ser tarde”.**

**23. A pandemia de Covid-19 é como um “cisne negro” em um universo em que se conheciam apenas “cisnes brancos”:** não estava prevista e poucos são os recursos prévios que dispomos para controlar os efeitos da crise econômica e de saúde pública na vida das pessoas comuns.

Em (22), o que está em evidência é a concepção da cobra peçonhenta, que ataca silenciosamente, sem que se perceba seus movimentos. Ao compará-la à covid-19, entende-se que a doença possui essas mesmas características, uma vez que não é possível perceber o ataque até que as pessoas já estejam contaminadas e, muitas vezes, em estado avançado da doença. O ataque silencioso do vírus também pode ser pensado quanto aos assintomáticos, que o disseminam sem ao menos saber que o carregam.

Em (23), a pandemia é vista como um “cisne negro”. A expressão “cisne negro” é muito utilizada no âmbito das finanças e dos negócios para se referir a um acontecimento inesperado ou danoso. A pandemia também pode ser caracterizada dessa forma, já que, além de não ter sido possível prevê-la, pegando, assim, todos de surpresa, tem causado diversos danos ao mundo.

O traço de imprevisibilidade do vírus é também observado na símile “como se fosse uma roleta russa”.

**24. Denise diz que a Covid-19 é como se fosse uma “roleta russa” onde, muitas vezes, pacientes que não são do chamado grupo de risco conseguem sobreviver** e outros que, aparentemente tinham mais chances, acabam morrendo.

Uma “roleta russa” se refere a um jogo de azar em que os participantes usam uma arma com apenas uma bala e, sem saber a localização exata dessa munição dentro dela, abusam da sorte ao apontar o cano da arma para si próprio ou para outrem e apertar o gatilho para descobrir se está a salvo ou não. Comparando-a à covid-19, o que está em foco é a imprevisibilidade da doença com relação à recuperação dos pacientes. Uma vez contaminado, não se sabe quem morrerá ou quem sobreviverá, isso porque pacientes tidos como saudáveis acabam perecendo enquanto outros que, aparentemente, tinham menos chances sobrevivem.

No exemplo (25), as consequências negativas do vírus para a saúde humana são também destacadas, mas a imagem metafórica é outra.

**25. “Se a gente fosse pensar no coronavírus de maneira geral para o pulmão, é como se pegasse um martelo de bater bife e batesse no pulmão.** Então, você vai agredindo o pulmão de tal forma que você vai gerar um estado inflamatório consequente ao grau de agressão que você fizer.”

Nesse exemplo, há uma comparação entre o estado de um bife depois de ter sido batido com um martelo e o estado do pulmão após a contaminação do coronavírus. Na culinária, esse ato é bastante comum e é visto como

algo positivo, uma vez que a carne fica com um aspecto bonito e carnudo. Mas, em (25), esse ato é ressignificado e ganha uma carga semântica negativa: o vírus bate no pulmão de tal forma que seu estado vai ficar tão ruim quanto o grau de agressão que ele sofrer.

Nos exemplos elencados a seguir, as metáforas dão foco em outra particularidade da covid-19. Em (26), o coronavírus é como uma radiografia; em (27), como uma lupa:

**26. Ele disse que a pandemia de coronavírus é como um “raio X que torna ainda mais visíveis as desigualdades pré-existentes”.**

27. O vírus vem se expandindo para as cidades do interior que não têm para onde enviar os pacientes. Na capital, o sistema de saúde está operando com sua capacidade máxima e os bairros da periferia são os que mais sofrem com a crise. **A COVID-19 é como uma lupa que faz saltar aos olhos de todos as nossas desigualdades socioespaciais”.**

Em ambos, parece-nos que o que está em jogo não é o lado negativo da pandemia em si, mas sim o seu “poder” em deixar as diferenças sociais mais nítidas. As metáforas trazem imagens similares, porém com realizações linguísticas distintas. No primeiro caso, ao ser comparada a um raio X, destaca-se que ela expôs ainda mais os problemas sociais, tal como o faz a radiação que gera a imagem do exame de raio X; já no segundo, a covid-19 é relacionada à lupa, objeto que engrandece os pequenos detalhes para que possam ser vistos com clareza. Ao modo de uma lupa, a doença externaria a dimensão dos contrastes sociais.

Por fim, trazemos, em (28) e (29), mais duas metáforas por símile levantadas no *corpus*. Vejamo-las:

**28. “Em conversa com a imprensa no final da tarde desta terça-feira (17), no Palácio da Alvorada, o presidente chegou a comparar o coronavírus com uma gravidez. É como uma gravidez, a criança uma hora vai nascer.** O vírus uma hora ia chegar aqui”, disparou.

29. A partir dessa fricção da quimera do sistema financeiro global, podemos finalmente imaginar um novo mundo. Como Charles Eisenstein apontou: **“A Covid-19 é como uma medida de reabilitação** que quebra o domínio viciante da normalidade”. Normalidade que envolve normas e comportamentos produtivos a serviço de sistemas não regenerativos.

Em (28), o coronavírus é comparado a uma gravidez. O propósito parece ser o de aceitar a ideia de que, assim como o bebê nasce mais cedo ou mais tarde quando se está grávida, o vírus, inevitavelmente, chegaria no Brasil. Quem enuncia é o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Ao empregar a metáfora, ele teve a provável intenção de amenizar os ânimos das autoridades e dos brasileiros em geral com a chegada do vírus. Nesse discurso, ao lançar

mão de uma imagem positiva (nascimento de uma vida), o enunciador busca abrandar a nocividade da doença. Esse dizer vai ao encontro do exemplo (10), também enunciado pelo mesmo falante, em que se nota uma visão negacionista do potencial destrutivo do vírus.

Em (29), o dizer é de um escritor, matemático e filósofo, defensor de uma economia baseada na troca e não na moeda. Ele compara a covid-19 a uma “medida de reabilitação”. Ao fazê-lo, sugere que a pandemia veio para reabilitar/reorganizar um modelo econômico. Esse processo de reabilitação, dada a intenção discursivo-argumentativa de seu enunciador, também indica uma característica positiva da doença (como também sugerido no excerto 14 ao enfatizar as mudanças econômicas decorrentes da pandemia).

## 11. Considerações finais

Neste trabalho, nossa preocupação foi no sentido de argumentar sobre as relações de sentido que emergem a partir de metáforas por símile, especialmente no que concerne a aspectos linguístico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. Assim sendo, buscamos realçar, em nossas análises, os domínios conceituais que servem de base para a conceitualização metafórica, as questões socioculturais, as intenções e as visões que podem caracterizar os eventos enunciativos que envolvem um cenário pandêmico, como o do coronavírus.

A discussão sobre as metáforas por símile apresentadas nos mostrou que elas estão ancoradas em diferentes DF, tais como GUERRA, FENÔMENO DA NATUREZA, FENÔMENO DA FÍSICA, ESPORTE, RELACIONAMENTO e outros, e têm o mesmo DA, que consiste em COVID-19/CORONAVÍRUS/VÍRUS/PANDEMIA e seus efeitos. A conceitualização desses DF é sustentada sociocognitivamente pelas experiências físicas e socioculturais em que os falantes se inscrevem. No entanto, ainda que tenham se valido de um mesmo DF, de um ponto de vista pragmático-discursivo, fizeram-no cada um a seu modo, em virtude das distintas posições enunciativas que ocupam, estando em jogo diferentes ideologias, diferentes visões de mundo e

diferentes intenções discursivo-argumentativas.

Com base nas análises, observamos que as relações de sentido, de modo geral, são negativas nos discursos observados, visto que o vírus é comparado a um combate bélico, a uma “catástrofe”, a um “chute” que “pega em cheio e faz estrago” e a uma “partida difícil”, por exemplo. Contudo, há momentos em que a negatividade do vírus é, de certa forma, atenuada, como nos casos em que o comparam a uma “chuva” ou “à mudança climática”. Nesses discursos, está presente um negativismo com relação à pandemia, que se reafirma como estratégia para salvaguardar interesses políticos e econômicos. Outros casos, por sua vez, realçam os aspectos positivos da pandemia (“é como um acelerador de partículas”, consolidando (novas) tendências econômicas; “é como um buraco de minhoca”, servindo de atalho para inovações tecnológicas na medicina). Encontramos também dizeres cujo tom de ironia e brincadeira é intrínseco às intenções discursivo-argumentativas dos enunciadores.

A negatividade ou positividade, como temos sustentado, tem relação com o fato de que cada dizer, ainda que recorra a metáforas similares, ser feito de um jeito diferente, uma vez que há diferentes vozes sociais e intenções discursivo-argumentativas em evidência. Assim como nos discursos apresentados, também nosso dizer, enquanto pesquisadores em uma tarefa interpretativa, é transpassado por valores ideológicos e concepções de mundo.

De nossa perspectiva, trabalhos como este ajudam a compreender como o falante lança mão da metáfora para criar ou ressignificar sentidos emergentes em um contexto de pandemia. Estudos de interlíngua e iniciativas como o projeto *#ReframeCovid* são, igualmente, vias interessantes para se pensar o poder da metáfora e os usos que os falantes fazem dela diante de um fenômeno de forte impacto social que se alastra pelo mundo. Dessa maneira, como fenômeno multifacetado, a metáfora está à disposição dos falantes, que recorrem à sua força comunicativa – evidenciada nas funções persuasiva, afetiva e argumentativa – em defesa de um ponto de vista.

## REFERÊNCIAS

- BELLINI, M.; FRASSON, P. C. 2006. A metáfora guerra na comunicação das ideias de HIV/Aids em livros didáticos. *R. bras. Est. pedag.*, **87**(217):327-338. <https://doi.org/10.24109/21766681.rbep.87i217.807>
- CAMERON, L. 2010a. What is metaphor and why does it matter? In: L. CAMERON; R. MASLEN (eds.). *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London, Equinox, p. 3-25.
- CAMERON, L. 2010b. The Discourse Dynamics Framework for Metaphor. In: L. CAMERON; R. MASLEN (eds.). *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London, Equinox, p. 77-94.
- CHARTERIS-BLACK, J. 2004. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 263 p. <https://doi.org/10.1057/9780230000612>
- CHARTERIS-BLACK, J. 2005. *Politicians and rhetoric: the persuasive power of metaphor*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 239 p. <https://doi.org/10.1057/9780230501706>
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. 2020. Multimodal metaphors and practical argumentation: discussing rhetorical effects and modes of articulation between modalities. *Rev. Estud. Ling.*, **28**(2): p. 801-844. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.2.801-844>
- IBARRETXE-ANTUÑANO, I. et al. 2020. Metáfora, cognición y emoción: reflexiones en tiempos de pandemia. In: *Abralin ao vivo*. Mesa-redonda. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/metafora-cognicion-y-emocion>. Acesso em: 27/07/2020.
- KÖVECSES, Z. 2005. *Metaphor in culture: universality and variation*. 1a ed., New York, Cambridge University Press, 314 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511614408>
- KÖVECSES, Z. 2010. *Metaphor: a practical introduction*. 2ª ed., New York, Oxford University Press, 373 p.
- LAKOFF, G. M.; JOHNSON, M. 2003 [1980]. *Metaphors we live by*. 2a ed., Chicago, University of Chicago Press, 276 p. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470993.001.0001>
- LAKOFF, G. 1987. *Women, fire and dangerous things*. 1a ed., Chicago, University of Chicago Press, 632 p. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>
- LAWSON, R. 2020. *Coronavirus has led to an explosion of new words and phrases*. Disponível em: <https://theconversation.com/coronavirus-has-led-to-an-explosion-of-new-words-and-phrases-and-that-helps-us-cope-136909>. Acesso em: 03/07/2020.
- RO, C. 2020. *From 'covidots' to 'quarantine and chill', the pandemic has led to many terms that help people laugh and commiserate*. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/worklife/article/20200522-why-weve-created-new-language-for-coronavirus>. Acesso em: 19/07/2020.
- SEMINO, 2020. 'A fire raging': Why fire metaphors work well for Covid-19. Disponível em: <https://www.lancaster.ac.uk/news/a-fire-raging-why-fire-metaphors-truly-fan-the-flames-of-covid-19>. Acesso em: 21/07/2020.
- SILVA, L. B. D. DA.; ARAÚJO, J. C. DE. 2015. Metáfora conceitual em textos de divulgação científica: mapeando a metáfora "cura do câncer é guerra". *Colineares*, **2**(1): p. 19-40.
- STEEN, G. 2007. *Finding metaphor in grammar and usage: a methodological analysis of theory and research*. 1a ed., Amsterdam, John Benjamins Publishing, 446 p.
- STEEN, G. 2010. When is metaphor deliberate?. In: M. L. JOHANNESSEN; C. ALM-ARVIUS; C. MINUGH (eds.) *Selected papers from the 2008 Stockholm metaphor festival*, Stockholm, p. 43-63.
- STEEN, G. et al. 2010. Metaphor in usage. *Cognitive Linguistics*, **21**(4): p. 765-796. <https://doi.org/10.1515/cogl.2010.024>
- VEREZA, S. 2013. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, **38**(65):p. 2-21. <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v38i65.4543>
- VEREZA, S. 2016. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. *Linguagem em(-)Discurso – LemD*, **16**(3):p.561-573. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160303-0416d15>
- VEREZA, S. 2020. Guerra ao vírus: a metáfora na interface com a literalidade. In: *Abralin ao vivo*. Mesa-redonda (Tendências contemporâneas dos estudos da metáfora). Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/tendencias-contemporaneas-dos-estudos-da-metafora>. Acesso em: 27/07/2020.